

ROMÀ E GADJI: UMA CONVIVÊNCIA FRAGMENTADA

Lorena Oliveira Tavares (UNEB)

loren.tavares@hotmail.com

Luciana Sacramento Moreno Gonçalves (UNEB)

lusamog@gmail.com

RESUMO

Este artigo se propõe a refletir sobre alguns aspectos culturais e identitários presentes no romance “El aliento negro de los romaníes” (2005), de Jorge Nedich. A inquietação que levou ao desenvolvimento desta produção emergiu de discussões em torno das contribuições dos Estudos Culturais para a constituição das subjetividades que emergem do fazer literário, que neste caso específico está propondo uma análise diferente das correntes comuns ao observar a nação romani desde uma literatura escrita por um deles. O objetivo geral deste estudo é refletir sobre a cultura *romà*, observando sua trajetória identitária e literária apresentada na aludida obra ao estabelecer relações com a realidade de preconceitos e discriminações que este povo vem sofrendo ao longo dos séculos. Dentre os autores que influenciaram e deram suporte teórico para realização deste estudo, destacam-se Hall (2009), Goffman (1982) e Durão (2015). A metodologia utilizada é de caráter qualitativo, bibliográfico e também documental, visto que é analisado um romance específico. Os resultados apontaram para uma rica discussão dos aspectos relativos às diferenças culturais entre os *romà* e os *gadji* na obra de Nedich (2005), bem como na realidade corrente. Outro resultado é a conclusão da relevância de continuar investindo em estudos que versam sobre identidade, pois estes fazem parte do cotidiano e por isso devem ser estudados no âmbito acadêmico, além de impactar diretamente em estudos que tratam sobre as individualidades e coletividades.

Palavras-chave:

Identidade. Cultura *romà*. Estudos Culturais. Jorge Nedich. Literatura *romà*.

ABSTRACT

This article aims to reflect on some cultural and identity aspects present in the novel “El aliento negro de los romaníes” (2005), by Jorge Nedich. The restlessness that led to the development of this production emerged from discussions around the contributions of Cultural Studies to the constitution of subjectivities that emerge from literary doing, which in this specific case is proposing a different analysis of the common currents when observing the romani provided a literature written by one of them. The general objective of this study is to reflect on the *romà* culture, observing its identity and literary trajectory presented in the alluded work by establishing relations with the reality of prejudices and discrimination that this people has suffered over the centuries. Among the authors who influenced and gave theoretical support for this study, hall (2009), Goffman (1982) and Durão (2015) stand out. The methodology used is qualitative, bibliographic and also documentary, since a specific novel is analyzed. The results pointed to a rich discussion of the aspects related to cultural differences between the *romà* and the *gadji* in Nedich’s work (2005), as well as in the current

reality. Another result is the conclusion of the relevance of continuing to invest in studies that deal with identity, because these are part of daily life and therefore should be studied in the academic sphere, besides directly impacting studies dealing with the individualities and collectivities.

Keywords:

Identity. Cultural Studies. Jorge Nedich. Literature *romà*. *Romà* culture.

1. Introdução

O presente artigo se organiza em torno do romance *El aliento negro de los romaníes* (2005), de Jorge Nedich, e dialoga com estudiosos que versam sobre o assunto ora em comento. Emergiu de leituras sobre Literatura e Identidade Cultural e tem como objetivo promover uma discussão acerca das mostras discursivas sobre aspectos identitários e culturais expressos na literatura *romà*, mais especificamente no livro “El aliento negro de los romaníes”. Tal intento é fruto das diversas contribuições do campo dos Estudos Culturais, que pode contribuir para outros estudos referentes aos *romà*¹, projetando um modelo de conhecimento específico a ser obtido a partir de um texto ficcional, como sugere Durão (2015).

A metodologia utilizada é de caráter qualitativo, investindo em dois caminhos: o bibliográfico, ao utilizar materiais já produzidos, como livros, artigos científicos e dissertações, permitindo o acesso de diversificadas fontes de estudo, e também uma visão mais rica do tema; o documental, visto que é utilizado um romance atual que ainda não foi analisado com o objetivo de interpretar os dados e informações que aparecem no mesmo a fim de compreender como a literatura representa a vida cotidiana e as práticas culturais dos *romà*. Ademais, é feita uma análise literária sob o aporte teórico dos Estudos Culturais.

No entanto, antes da análise literária, é importante situar o leitor acerca de Jorge Nedich e do livro “El aliento negro de los romaníes”. O autor de origem *rom*², nasceu na zona sul de Buenos Aires, em Sarnadí, Argentina, em 1959 e viveu como nômade até os 17 anos. Tentou cursar

¹ No presente texto os “ciganos” na maioria das vezes serão chamados de “romà” devido à nova denominação étnica defendida por eles; já que o termo “ciganos” está ligado ao preconceito e discriminação, além de haver sido uma denominação dada pelos não ciganos.

² “rom” significa “cigano” na língua romani.

a escola primária várias vezes, mas nunca dava continuidade porque não passava seis anos em uma mesma localidade. Desde muito pequeno vendia naftalina, agulha e outras miudezas pelas ruas, além de lustrar sapatos; pois eram muito pobres. Aprendeu a ler nas histórias das revistas antigas que vendia nos trens. Aos 39 anos, com a *Lei Duhalde* (que dava direito a pessoas que não haviam frequentado a escola fazerem uma prova para ingressarem na universidade), foi aprovado na Universidad Nacional de Lomas de Zamora. Antes de completar dois anos cursando Letras foi finalista do Prêmio Planeta, em 1999, com o romance “Leyenda gitana”, publicado em 2000. Contudo, essa não foi a sua primeira publicação, já tinha publicado “Gitanos, para su bien o para su mal” (1994) e “Ursari” (1997). Em 2014, com 13 livros publicados (traduzidos para o português, romani e italiano), fundou sua própria editora “Voria Stevanofsky”, na qual reeditou “El aliento negro de los romaníes”, romance que foi finalista do Prêmio Planeta em 2004.

“El aliento negro de los romaníes”, aqui utilizada a publicação de 2005, em língua espanhola, é um romance contemporâneo que conta a história de Petre e sua esposa Maida, um casal de ciganos que está acampado nos arredores de um povoado argentino em situação de pobreza que têm a ideia de comprar um urso para fazer apresentações. Contudo, como não possuem o dinheiro, decidem fazer de tudo para conseguir-lo: fazer utensílios de cobre; trabalhar para os *gadji* (não ciganos em romani); ter filhas para conseguir o dinheiro do dote e vender água de chuva como se fosse santa. Tais iniciativas os leva a ficar muito tempo acampados em um só lugar, transformando-se em sedentários, fato que leva a desentendimentos com o seu povo, ao tomar conhecimento da situação. No desenrolar da trama, Nedich ficcionaliza elementos da própria vida e da de seus ancestrais que “chegaram à Argentina desde a Romênia em 1870, logo após haverem sido liberados da escravidão a que foram submetidos entre 1380 e 1868” (LÓPEZ OCÓN, 2018, tradução nossa)³.

A concepção deste estudo considera as identidades *romá*, ou seja, sai do lugar comum unificado e discute algumas das possibilidades fragmentadas e fraturadas que aparecem nas discussões trazidas no romance. Tal fato é motivo de destaque porque, em geral, os *romà* são representa-

³ [...] llegaron a la Argentina desde Rumania en 1870, luego de ser liberados de la esclavitud a que fueron sometidos entre 1380 y 1868 (López Ocón, 2018, Periódico Tiempo Argentino. Disponível em: <https://www.tiempoar.com.ar/nota/jorge-nedich-los-gitanos-aun-no-somos-sujetos-de-derecho>).

dos por *gadji* (não ciganos), o que afeta a forma de como eles próprios podem se representar.

Dalcastagnè (2008) discorre sobre esse discurso considerado das minorias dominadas como uma censura velada, uma maneira de negar o direito de fala aos que não preenchem certos “requisitos sociais”. Seguindo as ideias de Bourdieu (2005), ela argumenta que a questão não é o direito de falar, e sim o falar com “autoridade”, ser reconhecido socialmente como um discurso que possui valor e que merece ser ouvido. Dalcastagnè (2008) afirma também que o controle do discurso das vozes minoritárias, só se efetiva devido à introjeção dos constrangimentos estruturais pelos próprios agentes sociais, nesse caso, os *romà*. Assim sendo, o escritor de minoria se conserva dentro de seu espaço “autorizado”.

Outro elemento que precisa ser explicitado antes de proceder às discussões é que apesar da população *romà* ter uma etnia comum, não constituem um grupo unitário, pois estão divididos em três grandes grupos com características bem distintas: Rom, Sinti e Calon. Sendo que estes três grupos também se dividem em vários subgrupos, os quais se classificam e se organizam de maneiras diferentes, que não serão citados porque fogem ao propósito deste artigo. Assim, é importante deixar claro que quando se fala *romà* está-se falando de um povo que sempre esteve em movimento e contato com vários outros povos, de culturas distintas, e que por esta razão, também foram diferenciando-se nos mais diversos aspectos culturais, ainda que sua etnia seja considerada bastante fechada. Tal diversidade não ocorre somente pela heterogeneidade dos grupos *romà*, mas também por todo contexto sócio-histórico-político-cultural, multiplamente construídos ao longo dos discursos, práticas e posições. Ou seja, nenhum dos grupos *romà* pode se apresentar de maneira homogênea se a cultura não é algo estático e eles sempre estiveram em movimento e em contato com os mais diversos povos, de culturas bastante distintas entre si. Assim sendo, segundo Capella (2017), câmbios, transferências, sincretismos e resignificações são inevitáveis na relação com o outro, no passar das gerações, por mais que, paradoxalmente, a etnia em questão se considere fechada.

No decorrer do texto serão encontradas palavras no idioma romani a fim de apresentar algumas referências do mundo *romà*. No entanto, é válido ressaltar que os vocábulos utilizados fazem parte do vocabulário *romà* em geral, não se detendo a um grupo específico, uma vez que o

objetivo deste estudo não tem como foco a língua, mas aspectos culturais, literários e identitários.

2. *Desenvolvimento*

Como é sabido, o mundo hoje é tido como democrático, ainda que não se possa traduzi-lo em redução de desigualdades, dado o significativo aumento da estratificação, exclusão e guetização em muitos lugares do mundo. Ao menos em relação aos *romà*, como mostra Gamella (2007) em artigo publicado sobre a “imigração ignorada” dos *romà*; Ortega (2015) em seu livro “La zúa”, no qual ficcionaliza um movimento sevillano de construção de um polígono residencial sinônimo de delinquência e exclusão social que ocorre em toda Espanha com o fito de manter os ciganos afastados do centro das cidades. Essa guetização também é discutida por Sória (2015) em sua tese de doutorado:

Tendo em vista que Espanha é um país onde os confrontos entre *romà* e não-*romà* são intensos e abertos. Também a discriminação ocorre em grau elevado e a situação dos *romà* é de total guetização [...] (SÓRIA, 2015, p. 155)

Tal contradição estrutural gera também desconfianças e confusões. Isso ocorre porque a maioria fica na defensiva e não se abre para os processos de mudança e transformação, cristalizando em si e em suas condutas um passado histórico determinante, não importando quem são hoje, nem o que podem se tornar.

Há uma tendência da cultura *gadji* a produzir um conjunto de pressupostos e representações sobre os *romà* como uma fonte de fascinação e perigo, como exótico e, na maioria das vezes, ameaçador. Tais representações sobre os *romà* produzem um “saber” *gadji* sobre eles – fato que fala muito mais sobre os medos e ansiedades *gadji* do que da vida dos *romà*.

Em contrapartida, os *romà* estão “vendo” os *gadji* como os que querem privar-lhes da convivência com o resto do mundo, reforçando sempre a ideia de que os *gadji* os considera seres sem valor e indignos de viver ao seu lado, levantando um muro de identidades deterioradas em ambos os lados. Um exemplo dessa questão na obra de Nedich é quando o acampamento de Petre é destruído por não ciganos, nesta obra intitulada de “sedentários”, e ele afirma:

Somente ficaram as marcas à beira do caminho. Por que fazem isso? se perguntou [...] Levaram tudo, se lamentava Petre a cada minuto. [...] Enquanto ele tratava de ordenar os fatos; recorreu a sua memória e soube que isto aconteceu por confiar em um não cigano, se perguntou: desde quando esta gente respeitava um trato com os *romà*. (NEDICH, 2005, p. 42-3, tradução nossa)⁴

Porém, antes de adentrar nas questões específicas sobre preconceito e discriminação, se faz necessário discutir acerca do termo “identidade”, já que nos últimos anos houve uma explosão discursiva em torno do seu conceito e, conseqüentemente, em torno das “novas” perspectivas que o termo traz.

As modas terminológicas sempre vêm acompanhadas de muitas críticas, e com “identidade” isso não foi diferente. Somado a este contexto houve uma fragmentação em uma variedade de áreas disciplinares, sendo que a maioria delas critica a ideia de uma identidade integral, originária e unificada, como alguns pesquisadores defendem ser a identidade *romà*, como mostrado por Sória (2015) e Capella (2017) em seus estudos sobre esta etnia.

Segundo Sória (2015), há uma emergência em redefinir e reafirmar a identidade étnica *romà*, a fim de recuperar a história grupal e a realidade do coletivo que foi se perdendo ao longo dos anos de peregrinação pelo mundo. Partindo deste ponto de vista, ela apregoa que é possível uma recuperação dessa identidade que foi tão deteriorada e excluída progressivamente.

Nesse sentido, ela corrobora com Hall (2009), o qual acredita que as questões de identidade tendem a aparecer quando há a intenção “de rearticular a relação entre sujeitos e práticas discursivas”, bem como entre as questões de “subjetivação e a política de exclusão que essa subjetividade parece implicar” (HALL, 2009, p. 105). Situação exata do por que buscar uma identidade unificadora para os *romà*, já que alguns deles começaram a sentir necessidade de representar-se política e socialmente, de emancipar-se, de reclamar reconhecimento e voz, e para tanto, alguns deles começaram a organizar um movimento global em torno de meados

⁴ Sólo quedaron las marcas a la vera del camino. ¿Por qué hacen esto?, se preguntó [...] Se lo llevaron todo, se lamentaba Petre a cada minuto. [...] En tanto él trataba de ordenar los hechos; recurrió a su imaginación y supo que esto sucedió por confiar en un sedentario, se preguntó: desde cuándo esta gente le respetaba un trato a los rom (NEDICH, 2005, p. 42-3).

do século XX a fim de “construir” uma nova consciência da identidade *romà* e a sua unificação.

Então, em 1971 acontece o Primeiro Congresso Mundial em Londres, liderado pela União Romani Internacional (URI), com a presença de representantes de distintos grupos, definindo estratégias de reconstrução e unificação do povo *romà*. Daí, constituíram um hino, uma bandeira e uma “padronização” da língua romani falada pelos vários grupos, bem como decidiram pela utilização do termo *romà* para designar o coletivo.

Ao estabelecer essa relação entre as ideias de Sória (2015) e Hall (2009) parte-se do pressuposto de que a “identidade” é algo que se cons-, descons-, recons- trói em um processo, sempre inacabado. Segundo Hall (2009), tais nuances têm a ver com a invenção da tradição e com a própria tradição, quando ao invés de ser um retorno real às raízes para estudar e aprofundar-se em determinados temas ainda abafados, há uma negociação sobre as rotas, o que só agrava as narratizações do eu e a natureza ficcional dos acontecimentos, perdendo-se totalmente a

[...] eficácia discursiva, material ou política, mesmo que a sensação de pertencimento, ou seja, a “suturação à história” por meio da qual as identidades surgem, esteja, em parte, no imaginário (assim como no simbólico) e, portanto, sempre, em parte, construída na fantasia ou, ao menos, no interior de um campo fantasmático (HALL, 2009, p. 109)

Então, a maior parte do que vem sendo divulgado sobre origens e tradições ciganas não passam de uma invenção criativa dos *gadji*, que em geral, não têm nenhuma relação real com os *romá*. E a internet tem facilitado este tipo de prática, pois qualquer pessoa, principalmente oportunistas, ditos esotéricos, por exemplo, divulgam informações falsas sobre os costumes e tradições com o fito de explorar culturalmente o universo mítico criado em torno dos *romá*.

De acordo com Capella (2017), com a disseminação da pluriculturalidade e tanta miscigenação, fica fácil para indivíduos de qualquer parte do mundo se misturarem à multidão e se passarem pelo que não são. Isso faz com que charlatães e aproveitadores se aproveitem e aconteçam casos como o relatado por Capella (2017) no Rio de Janeiro, Brasil, onde um oportunista vinha ganhando notoriedade escrevendo livros acerca dos costumes *romá*, fato que se transformou em um processo judicial, quando Capella foi acusado a respeito de injúrias que teria cometido contra essa pessoa ao esclarecer que o conteúdo veiculado era enganoso, visto que ele é cigano e não reconhecia nada do sugerido como pertencente a

sua cultura. O resultado do processo foi favorável a Capella, que comparilhou em suas redes sociais a sentença do desembargador.

A partir do mencionado acima fica clara a importância de veicular investigações acerca dos *romá*, sobretudo porque as identidades são construídas dentro e fora dos discursos, trazendo a lume que o povo *romá* não é uma unidade idêntica, sem indiferenciação interna, afinal, as identidades são construídas por meio das diferenças; embora também faça parte das identidades *romà* algumas posições que os sujeitos são “obrigados” a assumir, já que são formadas através das representações construídas nas relações com outros sujeitos sociais em atos de poder. Na obra em comento, Nedich fala de alguns *romà* que estão incomodados pelo fato de Petre e sua família permanecerem em um mesmo lugar por muito tempo, quando há época, relatada pelo escritor, os *romá* ainda eram eminentemente nômades, situação que mudou ao longo dos tempos.

– Já não és cigano, *payo* morto de fome és. Raquítico, cara de cu. – Deu um pontapé na bandeja e todos se foram blasfemando e pedindo a Deus que castigasse Petre com um câncer nos olhos, outro na sua cabeça de mosquito e outro em seu coração, que tinha consentido mudar sua vida por um monte de sucata. (NEDICH, 2005, p. 37, tradução nossa)⁵

Silva (2009, p.81) ratifica essa concepção quando afirma que “a identidade e a diferença não são, nunca, inocentes”. De acordo com ele, onde existe diferenciação, há o poder. Contudo, existem vários artifícios que revelam essa diferenciação, como a inclusão ou não em determinadas situações, marcando quem pertence e quem não pertence; definindo “fronteiras” (que definem e separam “nós” e “eles”); classificando etc.

Essa ideia só reforça que os sujeitos são produzidos como um efeito dos discursos e nos discursos, não criando uma existência própria. Talvez esta seja uma justificativa convincente para a conduta de alguns *romà* compactuarem com hipóteses fantasiosas e mentiras acerca de seu povo, vez que esses discursos acabam, por gerar, em alguns casos, retorno financeiro e, em outros, uma suposta aceitação dos *gadji*, que têm uma visão fantasiosa do universo *romà*, colocando-os no patamar da admiração. Porém, esta estratégia “proveitosa” pode ser a fonte da maioria das ideias equivocadas, que perpetuadas e fortalecidas, se tornaram

⁵ – Ya no sos rom, sedentario muerto de hambre sos. Raquítico, cara de concha. – Le pateó la batea y se fueron todos blasfemando y pidiendo a Dios que castigara a Petre con cáncer a los ojos, otro para su mente de mosquito y otro para su corazón que había consentido cambiar el camino por un montón de chatarra. (NEDICH, 2005, p. 37).

estereótipos. Nedich faz referência a tais fantasias em vários momentos do livro.

[...] se instalaram nos arredores da cidade, tinham chegado com uma bola de cristal, também com cartas que tinham o destino escrito, café que dizia a boa sorte, ervas curativas. [...] Um assegurou a Petre que seus antepassados astrólogos tinham estado um tempo em Delfos, no oráculo de Apolo. Ali vários deles tiveram a possibilidade de interpretar como ninguém os desígnios do Deus guerreiro [...] (NEDICH, 2005, p. 41, tradução nossa)⁶

Na esteira de Krüger (2004) pode-se definir estereótipo social, que é o que está sendo tratado aqui, como uma opinião coletivamente compartilhada em torno de alguma particularidade, característica ou vertente psicológica, moral ou física imputada extensivamente a um grupo humano formado mediante a aplicação de um ou mais critérios, como por exemplo, idade, sexo, inteligência, profissão etc. “Há duas direções na mobilização de estereótipos sociais: a que se volta para o grupo ao qual se pertença (auto-estereótipos); e a que visa a um grupo distinto (hetero-estereótipos)” (KRÜGER, 2004, p. 37). Assim, como existem estereótipos sociais de duas qualidades distintas: os positivos e os negativos; e que, já se sabe, aqui se trata dos negativos.

Barthes (2008) também contribui com esta discussão afirmando que os estereótipos são como um “vírus da essência”. Nessa concepção, reduziria os estereotipados a poucos atributos essenciais que dificilmente podem vir a ser alterados. Tais “essências” estariam associadas, nas palavras de Sória (2015, p. 81) a “acessórios como indumentária, linguagem verbal e corporal, traços de personalidade, que são supostamente fixados pela natureza ao grupo estereotipado”. Esse fato leva os seres a um ainformação intuitiva sobre a alteridade, desempenhando um papel crucial na construção do discurso do senso comum. Sória (2015) acrescenta que isso serve como um instrumento

[...] de racionalização, de justificativas para o eu, para as próprias atitudes preconceituosas e para o sistema social excludente do qual fazem parte. Oferecem, assim, os recursos cognitivos que permitem a manutenção das estruturas sociais nas quais os perceptores dos estereótipos se situam. (SÓRIA, 2015, p. 81)

⁶ [...] se instalaron en las afueras del pueblo, habían llegado con una bola de cristal, también con cartas que tenían el destino escrito, café que decía la buena ventura, hierbas curativas. [...] Uno le aseguró a Petre que sus antepasados astrólogos habían estado un tiempo en Delfos, en el oráculo de Apolo. Allí varios de ellos tuvieron la posibilidad de interpretar como nadie los designios del Dios flechador [...] (NEDICH, 2005, p. 41).

E, para melhor compreender estes estereótipos, é importante entender o que é estigma e quais são as suas relações com a sociedade, pois antes do preconceito e da discriminação vem o rótulo de ser estigmatizado.

– O que estão olhando? Vocês não tem vergonha de ficar aí parados em volta do fogo, todos juntos na mesma merda? Parecem ciganos, caralho. (NEDICH, 2005, p.121, tradução nossa)⁷

Percebe-se que o *romã* faz uma piada que desqualifica eles mesmos. Isto é, ele se refere ao seu grupo do mesmo modo como os outros os tratam e dirigem-se a eles. “É uma dinâmica perpassada pelo poder e dominação, cujos dominados terminam, muitas vezes, por agir de acordo com o pensamento dos dominantes, como se o conteúdo do que pensam fossem máximas” (SÓRIA, 2015, p. 147). De acordo com o sociólogo Joel Charon (1999) a introjeção do ponto de vista do subalternizador, que deteriora a identidade do subalternizado, só é efetivamente sentido pelos que vivem a condição de ser parte de uma minoria estigmatizada, ele esclarece que quando as pessoas interagem, observam as posições sociais uns dos outros, assim, seria percebido o que cada um é no mundo. Tal interação, portanto, acaba por construir os rótulos, que, segundo Sória (2015, p. 147), “serão observados pelos outros e por nós mesmos nas interações sociais, o que leva os indivíduos, com o decorrer do tempo, a pensarem-se de acordo com essas posições.

Segundo Goffman (1982), estigma é um sinal ou impressão de degenerescência. Um indivíduo que é estigmatizado está inabilitado para a aceitação, ou seja, é uma pessoa que deve ser evitada. No entanto, se faz necessário chamar a atenção para quem decide se o indivíduo deve ou não ser estigmatizado. Tal resposta é dada em duas palavras: a sociedade. É ela que categoriza as pessoas “e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias” (GOFFMAN, 1982, p. 11). É ela quem estabelece com quem pode construir qualquer tipo de relação, não permitindo em nenhum momento uma atenção ou reflexão particular. Um exemplo disso na obra estudada é quando uma das crianças do povoado decide ir ao acampamento dos ciganos e sua mãe convoca seus vizinhos para irem “resgatá-la”, e não simplesmente “buscá-la”, como seria o natural se estivesse ido à casa de qualquer pessoa da região.

⁷ – Qué miran, no les da vergüenza estar juntando sebo alrededor del fuego, están todos juntos como la mierda, parecen gitanos, carajo. (NEDICH, 2005, p. 121).

A mãe de Nazarena ao ver que sua filha não voltou ao meio dia como tinham combinado, pediu ajuda aos vizinhos e se organizou o resgate [...] (NEDICH, 2005, p.52)⁸

O supracitado está tão comum que se ignora as exigências feitas aos indivíduos. Eles devem, necessariamente, cumprir uma identidade social virtual, pois, se não o fizerem, farão parte de um grupo que nega a coletividade da “ordem social”, passando então a integrar a comunidade dos estigmatizados. Nas palavras de Goffman (1982, p. 12) “[...] deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída”. Todavia, é importante deixar claro que nem todos os atributos são indesejáveis, somente aqueles que sejam considerados incongruentes com os estereótipos criados pela sociedade. Ou seja, os *romà* são considerados sujos e muitas vezes comparados com animais, mas no momento em que um não cigano quer tirar proveito dos costumes *romà*, pode receber o dote pela filha que decidiu casar-se com um cigano. E então, neste caso, não estaria “vendendo” sua filha, apenas seguindo uma “tradição” – ao contrário do que costumam falar dos *romà* que seguem esta prática.⁹

– Tua mãe está feliz com nosso casamento? – perguntou Carlo. // - Claro, se teu pai lhe deu as quatro moedas de ouro que ela queria – respondeu Nazarena. (NEDICH, 2005, p. 182, tradução nossa)¹⁰

O que agrava a situação citada são as atitudes que as pessoas ditas “normais”,¹¹ têm com as estigmatizadas. Aquelas pensam e tratam os estigmatizados como se não fossem completamente humanos. Baseados nisso, se sentem no direito de discriminar e de variar esta prática para algo cada vez pior.

Fonseca (2004), jornalista estadunidense, apresenta exemplos para esta afirmativa. Ela relata o que uma mulher, que trabalha em um bar onde houve uma confusão com ciganos, diz: “São vermes, concluiu depois de uma vigorosa destruição do caráter cigano. Não são capazes de

⁸ La madre de Nazarena al ver que su hija no regresó a mediodía como habían acordado, pidió ayuda a los vecinos e se organizó el rescate [...] (NEDICH, 2005, p. 52).

⁹ Vale ressaltar que não são todos os grupos *romà* que tem o costume de pagar o dote.

¹⁰ – Está contenta tu madre con nuestro casamiento – preguntó Carlos. // – Claro, si tu papá le dio las cuatro monedas de oro que ella quería – contestó Nazarena. (NEDICH, 2005, p. 182).

¹¹ Aqui chama-se de “normais” as pessoas que constituem a sociedade padrão, visto que seguem os moldes pré-estabelecidos pela organização social dominante.

viver no meio de gente decente, civilizada” (Fonseca, 2004, p. 185). Mais adiante há outro relato: “Não são humanos. Matar ciganos é caridade, não é crime” (FONSECA, 2004, p. 187-8). E outro: “Não são humanos, são um problema social” (Fonseca, 2004, p.196). Ratificando o entendimento de Fonseca (2004), percebe-se que o preconceito tomou tamanha forma, que só pelo fato de as pessoas reconhecermos ciganos, se apropriam do direito de discriminá-los e diminuí-los, o que não condiz com a realidade fática, haja vista que os *romà* também são pessoas, apenas com tradições diferentes.

Contudo, existem casos em que os indivíduos se afastam e se mantêm a figura do estigmatizado por opção, como já foi mencionado, protegendo-se da sociedade através de suas crenças de identidade próprias. Goffman (1982) acredita que eles se sentem humanos, mas têm por certo de que os demais não o são de modo suficiente. Neste caso, ele carrega o estigma, mas não se sente incomodado disso, como é o caso de alguns *romà*.

Não obstante, até entre eles (os *romà*), existem aqueles que incorporam o que a sociedade maior preconiza, convertendo-se em alguém suscetível ao que os outros veem como seu defeito. Fonseca (2004, p.144) o ratifica quando transcreve o que diz um *romà*, Mitko Tonchev, de Sliven, cidade da Bulgária: “Não era costume saberem que éramos ciganos.” Nesta ocasião, outra *romà*, Antoinette, que participava da conversa, se aborreceu muito por considerar o que Mitko disse um absurdo, pois com aquelas palavras depreciava seu povo.

Goffman (1982) afirma que quando ocorre uma situação como a citada, a pessoa, neste caso Mitko, está de acordo que ficou abaixo do que realmente deveria ser. Ou seja, acredita-se inferior se comparado aos não *romà*. O que também pode ser observado, em certa medida, no momento em que Maida resolve registrar sua filha ao lembrar-se do que lhe dissera uma *gadjó*:

– Sem documentos você não é ninguém, menos que um cachorro. (NEDICH, 2005, p.26, tradução nossa)¹²

Goffman (1982) também trata dos símbolos (de estigma ou prestígio) que foram considerados os signos que frequentemente transmitem

¹² – Sin documentos no sos nadie, che, menos que un perro. (NEDICH, 2005, p. 26).

informações sociais. Isso se dá porque se legitimou que existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que ela usa ou possui. Segundo Silva (2009, p. 10) o cigarro, por exemplo, é associado à masculinidade. No caso dos *romà*, pode-se citar como signos estigmatizantes, suas roupas, comportamento e modo de falar; já que são diferentes dos utilizados pelos *gadjos* (não ciganos). Fonseca (2004) fala que na Inglaterra do século XVI, vigorou uma lei de pena de morte a todos que fossem encontrados em companhia, vestidos, falando ou comportando-se como *romà*, ainda que não fosse um deles. Segundo ela (FONSECA), os que fossem encontrados em dita circunstância deveriam ser açotados, e ter a cartilagem da orelha esquerda perfurada com ferro quente de uma polegada de espessura. O que passou a ser outro signo para identificá-los de modo estigmatizante.

Laraia (2005, p. 15) também cita um signo, que está mais direcionado aos *romà* da Califórnia. Lá, entre os *romà*, a obesidade é considerada como um indicador de virilidade, então, a maioria deles a deseja; mas para os programas governamentais de bem estar social a consideram como uma deficiência física. Tal fato faz com que eles sejam beneficiados por tais entidades.

Estes exemplos levantam outras questões: Primeiro, a superficialidade dos signos, e principalmente do perigo de julgar alguém por eles; já que nem sempre são permanentes. Assim sendo, a pessoa pode ser obrigada a usá-lo contra a vontade. Segundo, no que se refere ao relacionar-se com pessoas na sociedade, nem isso se pode escolher voluntariamente, pois também está legitimado por ela. Goffman (1982, p. 57-8) diz que “estar ‘com’ alguém é chegar em alguma ocasião social em sua companhia, caminhar com ele na rua, fazer parte de sua mesa em um restaurante, e assim por diante”. Estas são apenas algumas maneiras de se relacionar com outra pessoa.

O que ocorre é que a sociedade também julga as pessoas por quem lhes acompanha, ratificando o fato de que, de qualquer forma, os indivíduos são manipulados por ela. E se a companhia for de um *romà*, como no exemplo acima, a pessoa não teria perdão, estaria “contaminada” de algum tipo de doença irreversível, e a única solução seria a morte.

Esse tipo de visão é agravada pelas situações que alguns *romà* passam hoje. Abajo (1999) conta que em uma cidade Castelhana, a Asociación de Mujeres Payas y Gitanas “Romí” (Associação de mulheres não ciganas e ciganas “Romí”) realizou um curso de Cabeleireira, mas

não conseguiram que nenhuma *romà* fosse admitida nos estágios, enquanto todas as não ciganas conseguiram.

Ou seja, na atualidade, alguns *romà* já querem inserir-se na sociedade, até porque seus ofícios tradicionais desapareceram, destarte necessitam incorporar-se à coletividade. Para tanto, lutam pela capacitação acadêmica e por um espaço no mercado de trabalho. Porém, o que conseguem, na maioria dos casos, são trabalhos marginalizados. Até a venda ambulante, que era um meio de sobrevivência, está complicada devido às travas administrativas em torno dos mercados de venda ambulante.

Abajo (1999) destaca que o pior é a situação educacional, mas ele mesmo aponta que, apesar de alguns *romà* se interessarem pelos estudos, não conseguem levá-los adiante de modo satisfatório. Continuam afastados, agora muito mais pelos não ciganos, que não admitem que seus filhos estudem junto de ciganos, ainda que estejam sobrando vagas. Dessa forma, os *romà* têm que se limitar a certas escolas que não imponham barreiras em sua entrada, e que não estejam preocupadas com as confusões que os pais dos não ciganos possam causar. Este é um exemplo da Espanha, mas no Brasil não é diferente.

Mesmo estando no século XXI os *romà* ainda sofrem preconceito e discriminação ao tentar ir à escola, fato que leva muitos deles a abandonarem os estudos. Um exemplo do que eles costumam ouvir nos centros de educação é retratado por Pereira (2014, p. 10) “Cigano, filho de feiticeira e ladrão!”.

Assim sendo, uns resistem aos deboches das crianças não ciganas e insistem em ir à escola, mas há aqueles que não suportam ouvir frases como: “cigano é tudo bruxo, cigano é ladrão, cigano rouba criança” (Pereira, 2011, p. 84).

Pereira (2011) ressalta que a maioria dos professores brasileiros costumam tratar bem as crianças *romà*, acolhendo-as com carinho; porém ainda há os que sentem medo, negando-se a dar aulas em salas onde eles estejam.

Geralmente, há poucos adultos nos acampamentos preparados para ensinar às crianças as matérias que elas deveriam aprender nas escolas. Por conta disso, muitos *romà* ainda são analfabetos. Ademais, os mais antigos, geralmente, são contra a alfabetização no idioma local, pois acreditam que isso os distanciará das raízes e tradições. Então, entre os que querem estudar e os mais velhos, às vezes, ocorrem discussões neste

sentido. Contudo, hoje é possível conhecerem muita coisa através da internet, o que facilita o acesso às informações sobre os variados assuntos.

Diante desse comportamento dos mais velhos, os interessados nos estudos costumam mostrar notícias que podem ajudar a convencê-los de que vale a pena estudar: “Madalena, cigana romena, faz parte de um grupo de 1000 ciganos estudantes bolsistas de medicina, que tratam de comunidades ciganas e de romanos com dificuldades econômicas” (Pereira, 2014, p. 52). Muitos deles também se formam em direito, para que possam defender os seus sempre que preciso contra as perseguições que ainda sofrem no dia a dia em convivência com os não ciganos.

“ONG’s falam em alfabetizar crianças ciganas. Mas como educá-las, alfabetizá-las, no grau de desnutrição em que se encontram?” (PEREIRA, 2014, p. 52). Isso se dá devido ao fato de que a maioria das famílias ciganas que necessitam do apoio dessas ONG’s são muito pobres, conforme é demonstrado por Pereira (2014) em vários momentos de seus escritos. Sabendo que a desnutrição é um dos motivos cruciais da dificuldade de aprendizado. Às vezes, até acontecem protestos como mostra o trecho do jornal “O Globo”:

Protesto cigano / Para exigir que os membros da Câmara dos Comuns solucionem o problema das crianças ciganas, que não podem ir à escola porque seus pais não têm um lugar fixo onde se estabelecer, uma mini-passeata – à moda cigana – foi feita em Londres. O protesto, com seus habituais cartazes, repercutiu no Parlamento, que deverá conceder aos ciganos o direito de permanecerem em terras da Inglaterra e da Escócia. (O GLOBO, 1968 *apud* PEREIRA, 2014, p. 100)

O problema é tão amplo que Abajo (1999) ressalta a vontade de alguns pais *romà* de terem seus filhos seguindo os estudos, mas dizem que lhes parece improvável pela situação guetizada que os submetem na escola.

O que antes se julgava falta de interesse dos *romà*, hoje é desprezado e segregado. Parece que o discurso dos *payos* (não ciganos), que “queriam” que os *romà* estudassem e tivessem expectativas para o futuro como cidadãos “normais” para a partir disso respeitá-los, era um discurso vazio, só mais uma maneira de mantê-los afastados.

É importante ressaltar que essa questão referente aos estudos não acontece só no Brasil e na Espanha, mas em vários outros países. Stivelman (2001) conta que a maioria dos *romà* são rejeitados nas escolas

públicas, só sendo aceitos em instituições de ensino para deficientes mentais.

Não obstante, existem pais *romà* que não estão de acordo que suas filhas estudem, pois lhes dá medo que sejam apontadas por outros *romà* ou até cheguem a namorar ou querer casar-se com um *payo* (não cigano). Isso seria uma grande vergonha para a família, conforme sua tradição.

3. *Considerações finais*

Assim, o romance analisado em alguns momentos reforça e em outros, rompe, com a representação feita sobre o *romà*, seja na literatura, seja na vida social, denunciando fatos que continuam ocorrendo nos dias atuais. Prova disso é que a população *romà* permanece sendo a principal minoria étnica europeia, sendo que 650.000 deles estão na Espanha.¹³

Gamella (2007) afirma que a maioria dos *romà* que vive na União Europeia, sobrevive em pequenos grupos familiares, formando assentamentos coletivos na periferia das cidades ou em espaços degradados do centro urbano, sendo que esses lugares não têm latrinas, nem água corrente. Ele salienta que seus precários acampamentos começam a ser vistos como um problema social.

Tudo isso e outras questões relacionadas às hierarquias, emprego, lares, serviços sanitários e à marginalização só serão resolvidas quando a discussão deixar de ser pura retórica nas bocas de quem detém o poder e passem à prática de um ordenamento jurídico, acabando com este contexto de contradição, mas isso seria um tema para outro artigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAJO, José Eugenio. La situación de los niños gitanos en España: Un test a nuestro sistema social y escolar. In: *Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado*, Madrid, n. 36, dic. 1999. p. 57-69.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2008.

¹³ Estudo formado pela European Roma Rights Center, Focus Consultancy Ltd e a European Roma Information Office. Este estudo proporciona informação sobre a situação atual dos *romà* nos 25 estados da União Europeia e analisa as políticas atuais para melhorar seus impactos.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CAPELLA, Mikka (pseud.). *Romani dromá: caminhos ciganos*. 1. ed. Rio de Janeiro-RJ: Edição do autor, 2017.

CHARON, Joel. *Sociologia*. São Paulo: Saraiva, 1999.

DALGASTGNÈ, Regina (Org). *Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura contemporânea*. São Paulo: Horizonte, 2008.

DURÃO, Fabio Akcelrud. Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários. In: *DELTA [on-line]*. 2015, V. 31, n. spe, p.377-90. ISSN 0102-4450. Acesso em 18.08.19. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-445014919759499939>.

FONSECA, Isabel. *Enterrem-me em pé: os ciganos e a sua jornada*. Trad. de José Rubens Siqueira, São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GAMELLA, Juan Francisco. La inmigración ignorada: Romá / gitanos de Europa oriental en España, 1991-2006. In: *Gazeta de Antropología*, Granada, n. 23, 2007.

GOFFMAN, Erving. *Estigma – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 9ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009. p. 103-33

KRÜGER, Helmut. Cognição, estereótipos e preconceitos sociais. In: PEREIRA, Marcos Emanuel; LIMA, Marcus Eugênio Oliveira (Org.) *Estereótipos, preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas*. Salvador: EDUFBA, 2004.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 18. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LÓPEZ OCÓN, Mónica. Nedich: Los gitanos aún no somos sujetos de derecho. In: *Periódico tiempo argentino*, Argentina, 15 jul. 2018. Disponível em: <https://www.tiempoar.com.ar/nota/jorge-nedich-los-gitanos-aun-no-somos-sujetos-de-derecho>. Acesso em 13 set. 2019.

NEDICH, Jorge. *El aliento negro de los romaníes*. Buenos Aires: Planeta, 2005.

ORTEGA, Antonio. *La zúa*. 2. ed. Sevilha: Ediciones en Huida, 2015. (Colección El Refugio)

PEREIRA, Cristina da Costa. *Qualquer chão leva ao céu: a história do menino e do cigano*. 1. ed. Rio de Janeiro: Escrita Fina, 2011.

PEREIRA, Cristina da Costa. *Histórias de flamenco e outras cenas ciganas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 9. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009. p. 73-102

SORIA, Ana Paula Castello Branco. “*Juncos ao vento*”: literatura e identidade romani (cigana): El alma de los parias, de Jorge Nedich. 2015. 331 f., il. Tese (Doutorado em Literatura). Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <<http://www.amsk.org.br/estudosepesquisa.html>>. Acesso em: 19.06.2019.

STIVELMAN, Michael e Raquel. *A marca dos genocídios*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.